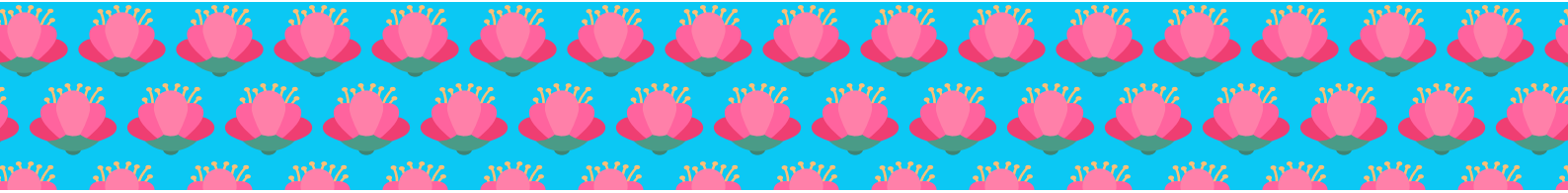
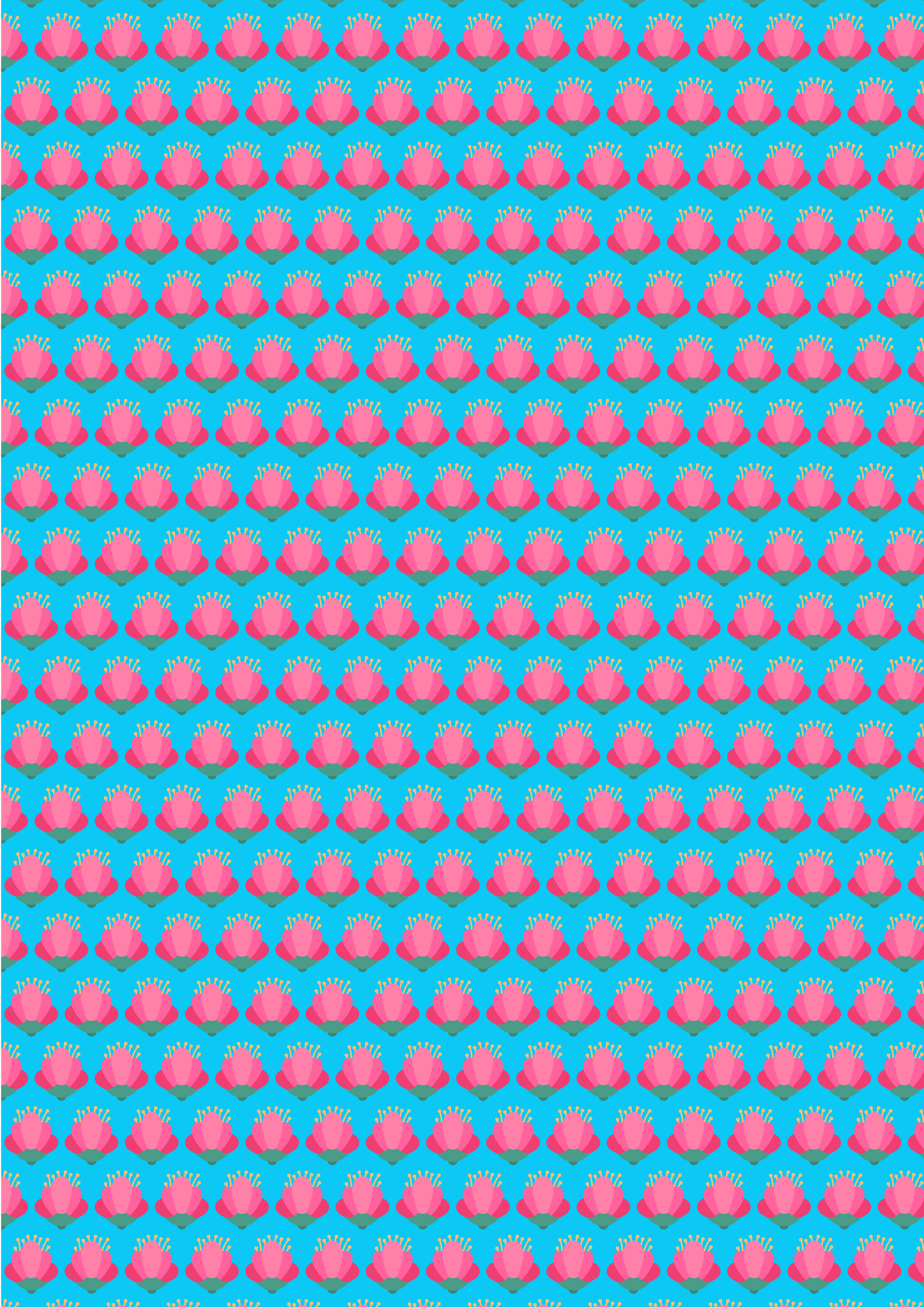


# DEPOIMENTOS





## Depoimentos

### *A seguir, depoimentos de tradutores, escritores e artistas sobre a contribuição de Denise Bottmann à cultura brasileira por meio da tradução*

“Lá se vão quase vinte anos que Denise Bottmann liderou um movimento inédito neste país que tanto traduz mas tão pouco valoriza o tradutor. Lembro-me de um e-mail de Denise me perguntando se eu queria assinar um abaixo-assinado que denunciava a tramoia de certa editora. Claro que queria! Os embusteiros, simplesmente, republicavam obras-primas com as mesmas traduções de muitos anos antes, mas substituindo os nomes dos antigos e consagrados tradutores por desconhecidos, quando não por pseudônimos.

Denise, que eu já conhecia como excelente tradutora, mostrou-se, mais ainda, notável pesquisadora. Esmiuçou esses plágios vergonhosos que burlavam o direito autoral e, certa, concluiu que não se tratava de caso isolado nem de coincidência, mas de política editorial deliberada. Nem uma nem duas: criou então o blog “naogostodeplagio” e partiu para o necessário ataque. Foi grande a repercussão: a editora vigarista recuou, tirou de circulação alguns livros plagiados e tentou fazer acordo com tradutores vítimas das apropriações indébitas. Mais que isso, Denise enviou, em nossos nomes, uma chuva de e-mails a suplementos culturais e revistas literárias, sempre denunciando a ausência do nome do tradutor. A guerra ainda teve, e terá, outras batalhas. Mas o pioneirismo de Denise Bottmann foi fundamental nessa longa, interminável conquista de valorização do trabalho tradutório. Bravo, querida Denise!” **Rosa Freire d’Aguiar é escritora, jornalista e tradutora**

“A tradução literária vive um período de ouro no Brasil. A pesquisa sobre a tradução literária no Brasil também está mais acelerada e mais produtiva do que em qualquer outro momento. E ambos esses momentos devem uma parte imensa de sua existência à atividade, constante, incansável e brilhante de Denise Bottmann. Ela conhece o campo como poucos, tendo traduzido todo tipo de livros, para várias editoras, num ritmo atordoante e com uma qualidade inquestionável. Mais do que isso, ela enfrentou editoras e monstros desconhecidos na hora de denunciar o fenômeno do “plágio” tradutório, que diagnosticou, identificou, mostrou a todos e tentou curar, ajudando, de quebra, a tornar a tradução algo que as pessoas discutiram mais, e mais profissionalmente, a partir dali, e criando, como quem não quer nada, um repositório gigantesco da história da tradução

em seu site. A tradução literária vive um período de ouro no Brasil. A pesquisa sobre a tradução no Brasil também. E nesses dois campos o nome da Denise é referência mais do que obrigatória. Feliz aniversário, guria.” **Caetano Galindo, escritor, tradutor e professor da UFPR**

“A cultura brasileira deve muito a Denise Bottmann. Graças a ela temos acesso em português a incontáveis textos clássicos e contemporâneos de ficção, ensaios críticos e estudos alentados de renomados autores internacionais. Não bastasse essa produção surpreendente, Bottmann tem ainda um blog, “Não gosto de plágio”, no qual cataloga a atividade tradutória no Brasil, contando assim a sua história e dando visibilidade a tradutores que acabariam sendo esquecidos. Essa posição política de Bottmann contra o apagamento de nomes na área de tradução está conectada à sua luta contra o plágio e à valorização da profissão do tradutor. O aniversário é teu, Denise, mas quem segue ganhando presentes de ti somos nós, leitores. Viva!” **Dirce Waltrick do Amarante é escritora, tradutora e professora da UFSC**

“Não a conheço em pessoa. Mas acompanhei de perto seu famoso blogue, “não gosto de plágio”, enquanto durou. Na época, a obra de Virginia Woolf entrava em domínio público e ela, tal como eu, começava sua tradução de *Mrs Dalloway*, comentando, no blogue, suas dúvidas à medida que avançava no trabalho. Era algo inédito. Como sabemos, quem traduz está fadado, em geral, à categoria do anonimato. Seu relato do trabalho de traduzir Virginia “em público”, foi, além de tudo, uma valiosa contribuição à luta para tentar elevar quem traduz ao nível que lhe é devido. Em alguns momentos, fiz comentários em seu blogue sobre as minhas dúvidas em certas passagens da tradução de *Mrs Dalloway*. Ela poderia, é óbvio, simplesmente ter me ignorado. Mas, não. Ela reagiu educada e civilmente, como numa discussão amigável. O ofício da tradução tem hoje, no Brasil, um lugar central no campo da escrita, graças, sobretudo, aos cursos de várias de nossas universidades. Mas a luta de Denise em favor do inestimável papel da tradução literária, através de seu simples, mas prolífico blogue, não pode ser esquecida. Quem traduz não trai; recria. Nesse ofício, Denise cumpriu e cumpre um importante e imprescindível papel.” **Tomaz Tadeu é tradutor e professor**

“Tive o prazer de conhecer pessoalmente Denise num encontro sobre Direito Autoral na Casa Das Rosas, sob a saudosa direção de Marcelo Tápia. Já a conhecia antes pela tradução admirável de *Mrs. Dalloway* e pela sua atuação corajosa e oportuna no blog

“Não gosto de plágio”, hoje cada vez mais necessária. Querida Denise, continue firme!”

**Aurora Bernardini, tradutora e professora da USP**

“Toda profissão tem seus luminares. No caso da minha geração de tradutores, temos a imensa sorte de viver na mesma época que Denise Bottmann, e em tempos de hiperconexão. Considero um privilégio poder acompanhar essa mente arguta e inquieta nas questões que ela tem a generosidade de compartilhar conosco, sejam desafios tradutórios mais pontuais, que surgem com o trabalho do momento, ou as questões que ela investiga e analisa mais a fundo, como foi a revelação dos plágios em tradução. Ao longo dos anos, percebi que muitas vezes tenho com ela momentos de coincidências (sincronicidades?): topar com questões parecidas mais ou menos ao mesmo tempo, e é sempre um grande aprendizado. Essa generosidade da Denise em compartilhar conosco um pouco de seus processos e conclusões faz toda a diferença em uma profissão que é essencialmente solitária. São vislumbres do trabalho de uma grande tradutora, e, para mim, certamente um farol que arde em luz.” **Marina Della Valle, poeta e tradutora**

“Privilegiados somos, os contemporâneos de Denise Bottmann. Feliz e orgulhosamente me incluo entre aqueles muitos que construíram conhecimento através de suas valiosas traduções, assim como de suas necessárias reflexões sobre a prática e a ética tradutórias. Através de seu trabalho, um sem número de ideias, histórias e conceitos, em nossa língua portuguesa, nos permite (re)pensar nosso estar no mundo. Celebremos sua vida e obra. Seu legado honremos.” **Tarso do Amaral, professor de Literatura de Língua inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**

“Conheci Denise Bottmann através do seu tão necessário blog ‘Não gosto de plágio’, quando pesquisava traduções de autores da literatura estrangeira para meu site Templo Cultural Delfos. Denise foi fundamental nessa jornada, seu trabalho investigativo e historiográfico da tradução no Brasil, contribuiu imensamente para definir o meu próprio olhar criterioso e cuidadoso sobre tradutores e traduções. Assim como Bottmann, sou pesquisadora independente, sem vínculos institucionais, o que considero muito bom, pois nos permite uma liberdade que em outra condição, possivelmente, não teríamos, contudo, também aumenta o nosso rigor e responsabilidade sobre o nosso trabalho. Denise e seu trabalho são fundamentais para a história da tradução no Brasil.” **Elfi Kürten Fenske, pesquisadora e editora dos sites Templo Cultural Delfos e Revista Prosa Verso e Arte**

“Devo à arte de Denise Bottmann a leitura em português de livros que foram e são essenciais para mim. Ela ajudou a divulgar no nosso idioma informações atuais sobre artistas que muito admiro, como Van Gogh e Matisse. Esses dois pintores apreciavam muito árvores e flores. O “sex appeal” dos vegetais que eles registraram em sua obra se expande, hoje, nas postagens diárias da Denise, que é grande apreciadora de orquídeas e coleciona imagens de flores que compartilha conosco. Cada vez que vejo no Facebook um pedacinho do jardim real e imaginário da nossa tradutora, penso em Matisse e Van Gogh.”

**Sérgio Medeiros, poeta, tradutor e professor da UFSC**

“Eu não li Virginia Woolf, James Wood, Terry Eagleton, Will Gompertz, para citar apenas o que enxergo quando levanto os olhos da tela. Eu li a tradução da Denise Bottmann. E com isso não quero reforçar certo delírio de que o tradutor pode tudo, de que suas decisões não têm compromisso ético com o original. Quero reforçar justamente o contrário. Quando leio uma tradução da Denise, tenho certeza de que ela quebrou a cabeça pesquisando as melhores possibilidades de tradução, respeitando estilo e procedimentos do autor traduzido, sem abrir mão de uma prosa que é sua, de um texto que leva sua assinatura. Eu confio nas traduções da Denise. E o blog “Não gosto de plágio”, criado e alimentado por ela, é referência obrigatória para quem se dedica à História da tradução no Brasil, um projeto exemplar de popularização da ciência pensado antes mesmo desse nome existir. Feliz aniversário, Denise! Continue nos presenteando com as tuas traduções.” **Karina de Castilhos Lucena, professora de literatura hispano-americana e tradução do espanhol na UFRGS**

“Conheci o trabalho de Denise Bottmann como historiadora da tradução anos atrás, quando, tentando conhecer melhor a minha história familiar, googlei o pseudônimo (Blasio Demétrio) que o meu avô (Fúlvio Abramo) usou para assinar uma das suas traduções. Eu queria saber se ele teria assinado outras da mesma maneira, e foi aí que encontrei o exaustivo e maravilhoso trabalho que Denise publicava no seu blog “Não gosto de plágio”. O livro de Dante traduzido por meu avô e Aristides Lobo (que assinava Paulo M. Oliveira), tinha sido plagiado pela editora Martin Claret. Futuras pesquisas e artigos de Denise Bottmann iluminaram para mim histórias de resistência e solidariedade nos mundos da militância e da edição da primeira metade do século XX no Brasil. Histórias que devem ser lembradas e que ela resgata com uma escrita clara, deliciosa e exata. Gosto de pensar que fiquei amiga da Denise, mesmo sem ter ainda conhecido ela pessoalmente. Admirei e agradei depois um outro blog onde ela dava dicas para tradutores iniciantes: bibliogra-

fia fundamental, formas de se aproximar das editoras, prazos decentes para traduzir um livro... Conversamos. Coincidimos em algumas preferências e despreferências literárias. Muitas vezes escutou meus desabafos quando eu traduzia obras de autores que não eram os meus prediletos. Muitas mais vezes me iluminou com dicas e palpites fundamentais para o meu trabalho. Fui me tornando uma leitora assídua das suas postagens no facebook, onde ela publica, além de fotografias de orquídeas espetaculares, os processos de pesquisa, descoberta, hesitação e crítica que acompanham seu trabalho. Denise compartilha materiais e pensamentos enquanto traduz —verdadeiros micro-ensaios— às vezes mediante a genial ideia de formar grupos específicos para seguir os seus projetos, e essa é uma das formas mais generosas de diálogo que já encontrei no nosso campo de trabalho. É isso: ela encarna, para mim, a ideia de que tradução é um ofício de generosidade, em que a companhia e o diálogo são sempre fundamentais. Sinto uma grande admiração pelo rigor do seu trabalho e um enorme agradecimento pelo muito que ela tem me ensinado.”

**Paula Abramo, tradutora e poeta**

“Embora não a conheça pessoalmente, eu a acompanho a tanto tempo, como tradutora do inglês, francês e italiano, e também nos seus blogues e redes sociais, que me sinto um amigo próximo. Sua contribuição para a historiografia e ‘anatomia’ da tradução é imensurável, não apenas por ter furado as bolhas acadêmicas e do mercado editorial, mas por trazer todas as nuances e idiossincrasias do devir da profissão, e expor as pilantragens, os plagiadores e as casas publicadoras que não respeitam a literatura e o leitor. A Denise é uma espécie de Banksy, que leva para as ruas a arte da verdade.” **Carlos Henrique Schroeder, escritor, autor de *As fantasias eletivas*, *História da chuva e Aranhas*, todos pela Record**

“Não vou falar do trabalho da Denise como tradutora porque já deve haver vários depoimentos sobre isso. Prefiro destacar seu trabalho como pesquisadora da História da Tradução no Brasil, uma área de estudos para a qual ela já elaborou uma penca de artigos acadêmicos (em linguagem absolutamente legível, thank God!) e com dezenas (centenas?) de pesquisas e levantamentos do tipo “traduções de Franz Kafka no Brasil”, que ela colocou generosamente à disposição dos leitores no seu incrível blog Não gosto de plágio. O que mais posso dizer? Que tive o prazer de colaborar com ela em dois ou três desses levantamentos, tentando fazer um cruzamento entre História da Tradução e História da Edição no Brasil, esse país sem memória? Que, toda vez que a consulto sobre algum desses assuntos, ela responde com imensa generosidade (de novo) e com descober-

tas bibliográficas que eu sinceramente não sei de onde ela tira, mas que sabe desencavar como ninguém? Bem, é isso: qualquer tentativa de escrever sobre a história da tradução no Brasil deve necessariamente se beneficiar da imensa quantidade de conhecimento com que a Denise tem nos brindado ao longo dos anos. Viva ela!” **Sérgio Karam, tradutor, doutor em Letras pela UFRGS**

“Já conhecia o trabalho de Denise Bottmann como tradutora quando se revelou também sua faceta de defensora ardorosa do respeito aos tradutores, contra a falta de escrúpulo de algumas casas editoriais – de uma em particular. Foi então que descobri *Não gosto de plágio*, uma iniciativa louvável pelo esforço de defesa de um grupo inteiro de pessoas que se dedicam à tradução, com as mais variadas visões sobre essa atividade. Logo fui atraído à seção “Traduções de James Joyce no Brasil”. Como bom joyciano que sou, comecei a desfrutar das informações que já estavam e a colaborar com outras mais. Voltei ao blogue neste momento para rever minha passagem por lá e me surpreendi ao descobrir que meu nome aparece trinta vezes no diálogo com Denise! Foi uma alegria ver que juntos (ela, os leitores e eu) conseguimos fechar algumas lacunas sobre as traduções de Joyce no Brasil. O caso mais interessante, como não poderia deixar de ser, dizia respeito a um plágio: certa editora brasileira publicara a tradução de um conto de Joyce sem dar crédito ao tradutor português. Juntos, desvendamos o mistério. Esta publicação faz merecida homenagem a Denise Botmmann.” **Vitor Alevato do Amaral, tradutor, professor, joyciano**



